

# *Hospital do ar*

## [fragmentos].

---

✍ Ernesto García López

📖 Luiza Romão

### Epígrafe inicial de E.G. L. e Nota de abertura da tradutora:

*Tomar o manuscrito. Repassar cada palavra. Suprimir tudo o que seduz a linguagem. Deixá-la no talo.*

**Ernesto García López**

Quarenta anos atrás, um acidente aéreo causou a morte de 183 de seus 192 passageiros do Avianca 011 – entre eles, um grupo de artistas de língua espanhola (o escritor peruano Manuel Scorza, o romancista mexicano Jorge Ibarguengoitia, a pianista catalã Rosa Sabater, a escritora e crítica de arte argentina Marta Traba e o escritor e crítico literário uruguaio Ángel Rama). O grupo se dirigia à Colômbia para o I Encuentro Hispanoamericano de Cultura, em um cenário político marcado pelo franquismo, as ditaduras militares latinoamericanas e o exílio forçado. A tragédia é o ponto de partida para *Hospital do Ar*, ficção poética do escritor e antropólogo Ernesto García López. Sobrepondo recortes jornalísticos, enunciações fantasmagóricas, fabulações líricas e um diário de escritura, o livro híbrido se debruça sobre os limites da linguagem e da palavra. Publicada na Espanha pela Candaya (ainda inédito em português), a narrativa é dividida em quatro partes. Foram selecionados fragmentos das duas primeiras.

## Parte 1. Vôo 11 da Avianca.

Segunda-feira, 28 de novembro de 1983.

Cento e oitenta e três mortos e onze sobreviventes é o balanço provisório do acidente do Jumbo Boeing 747-2838 da companhia colombiana Avianca, registrado nas proximidades do aeroporto de Madri às 01h04 da madrugada de domingo. À noite, quando suspenderam as buscas de resgate, retomadas hoje, faltavam por recuperar oito cadáveres e somente outros oito haviam sido identificados. Não foi possível estabelecer com certeza a causa da catástrofe aérea, ainda que informações oficiais divulgadas pela Avianca e o testemunho direto de um dos sobreviventes indiquem que o avião sofreu uma perda de altura depois de um dos quatro motores pegar fogo enquanto voava.

*Carpanssir.*  
*Frankfurt, destino Caracas*

Como relâmpago de vida: A calma pedregosa da rua, o fogo azulado sobre os montes –

Cata lentamente a roupa esparramada pelo quarto e regressa ao seu farol de blusas e calça: Me encara com o olhar, rompendo no ar o pouco de luz que resta:

Boa viagem, sussurra:  
Não me chame:

Saberei que voltou à cidade no dia em que, de novo, minha confusão condense sua sombra –

*Costa.*  
*Frankfurt, destino Bogotá*

Estou diante de um sedimento  
de algo que se dói de si  
de uma menina que vela o cadáver  
de uma febre morna nas pernas  
de uma semente  
um arrozal  
um delta onde desemboca o rio manso  
uma melodia articulada depois da qual  
[se tornam homens  
as mulheres e mulheres os homens

Estou diante da gaivota lambendo-se de náusea  
pra lá do perdulário  
da espinha que grita  
da moça que rompe a chorar porque  
[lhe roubaram o bilhete de fuga  
pra lá do desossado  
pra cá da traição  
pra ali do pequeno que é forma  
sutil de convocar o invisível

Estou diante de uma palavra que não consola  
que não ronda  
que envenena com mentiras  
que respira o mecanismo dos mortos

Estou diante do não  
do sim  
do acaso  
do quanto não somos capazes de escavar  
daquilo que tremeluz  
do desejo que irrompe em desamor  
do desamor que arrasta solidões  
de solidões que encerram a criatura da angústia

Estou em sua frente sem que você sabia –

## Parte 2. A caixa preta.

28 De novembro de 1983

1:04 a.m.

*Segundo impacto que condena o destino da aeronave.  
Capota pra frente, se despedaça, colapsa e se incendeia.*

**Jorge Iburgüengoitia**

palavras?  
o que carrega essa linguagem?  
essa absurda caligrafia?  
para que esta política do fora que transpira dentro  
[de mim em forma de palavras  
e me chupa com a voracidade  
[de um dipsômano angustiado?  
o que são essas mãos?  
esses braços trêmulos?  
que raios são essas pernas trançadas  
em outros tempos flexíveis e vigorosas?  
quem escreve no avião?  
de que tem medo?  
pra que tantas imagens?  
tantas entrelinhas?  
quem escreve quando se escreve?  
o que se escreve quando ninguém escreve?  
o que te empurra a não parar de digitar o mundo?  
o que você sabe do mundo?  
o que se perdeu de você no mundo  
se o único que consegue entrever é a periferia do ser, sua  
extrema mediocridade em forma  
de epiderme?  
o que existe à meia-noite?  
o que existe quando escreve?  
o que existe atrás da linguagem?  
quem te observa?  
o que o escrito carrega quando existe?  
e quando não existe?  
até onde alcançam as palavras em seu dizer  
[e seu existir?  
para que dizem?  
o que dizem?  
como dizem?  
quanto são capazes de capturar em sua  
[maldita imanência?

A frase fugir-me é lá que eu moro.

A grande cidade em março aluminada.

Chego canhonado da porta giratória.

Numa bancária agência. Espero minha vez.

Vazio agitando os pezinhos no vazio.

Meu zero dá ao visor.

Quando a atendente me chama *rapaz* levo a mão  
[ao peito, tocado

## Nove moldes

## I wish you love

O que faz fumo sob a estola do cura?  
O entregador vaivém,  
carregado de embrulhos, vitaliza-os ao pé da escadaria.  
Um gendarme moraliza as províncias.  
[É marmóreo, esta é sua função.  
No vazio que encima a função reluz um oficial  
[de cavalaria.  
O policial manopla sua pistola e  
um coveiro extraordinariamente simpático,  
[cabelos rareando.  
Um garçom passa à cara do maitre  
[um pano axadrezado,  
vira com a cara xadrez.  
O lacaio de soslaio enquanto lustra fivelas.  
Um chefe de estação ferroviária, diz-se,  
[é pelo menos tão antigo  
quanto as estações ferroviárias.

Algo se passa em seu mais amagal  
no imo mais imo um trêmulo  
de violinos  
um rangido giro  
de aço  
de lento de frio  
ali onde se trava  
a meia-volta de seu corpo

A porta do banheiro bate com trom  
Sobe, faz-lhe a cama, desce, põe a água pra  
Ferver, o filho enfia pela panela  
O pai sai do banheiro de bigodes, ponteiros, patas  
O filho serve  
Bigodes subidos se ao servir-se o filho treme  
Se o filho tropeça na garrafa vazia  
Se o filho coça o cu no enunciado  
O filho limpa o queixo do pai, o pai manda lambar o trapo  
Nuvem cinzenta o queixo do pai  
O filho suspira o que dista do queixo  
O pai aninha o rifle sobre o ombro esquerdo  
Volta do bosque no escuro, filho sobre o ombro direito  
São retomados pela cozinha

Quando olhei-o desde sempre pelas órbitas.  
Opção da árvore em torno da qual havíamos  
[de macerar.  
Pelo zelo. Pelo zelo.  
Com suas caixas partem precisões de anos, lapidações  
[de anos.  
Quantos visos partem.  
Feitios.  
Quantos nomes, (pelo zelo, pelo zelo).  
Habitado tabútico na boca.  
Habitado as casas vertidas deste endereço.  
Tudo que tenho a dizer é gralha  
Rachando a tarde.

A ventania de sábado desgarrou o toldo à minha boca.  
Não se dorme nem depois do nome.  
Todos ao meu redor oferecem a mão a algum animal.  
Jogo fora as rosas e a coalhada.  
Beiro jardim, fico feito botoeira.

Como farei chegar-lhe às mãos a nossa casa.  
Como farei chegar-lhe às mãos a nossa casa.

Noite, espessidão, charão negro, você  
Perigando pela passarela você  
Que se apressa rumo à Mãe Farfalho  
E nela toma assento e range  
Você nunca se atrasa para o sfumato dos outros  
Não é. Não. Pontual como a maleita você  
Entuchando pipoca você  
Entre os cavernícolas você  
Escapado ao grande regaçar  
Em via de meter pelo penhoar de deus  
Você nesta nuvem de duas horas

O vivente é com toda evidência.  
Pondo amor por todos os ramais.  
As mãos tendidas sobre as apólices.  
Apresenta-se em forma de minuto.  
Frequenta um hic como a um morar.  
Opostamente, conecta um cabo ao televisor.  
Fala a cada estalo da casa.  
Indaga-se a quem deliramos.  
Fixa os cacos da saboneteira de louça.  
Ternura.  
O primeiro objeto que me escapou das mãos  
Tão-logo aqui pus os pés.